

ASPECTOS PROSÓDICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: HIPOSEGMENTAÇÃO DE SEQUÊNCIAS COM CLÍTICOS EM DOCUMENTOS DO SÉCULO XIX

PROSODIC ASPECTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: WORD CLUSTERS WITH CLITICS IN DOCUMENTS FROM THE NINETEENTH CENTURY

Elisa Battisti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O artigo trata de um tipo de segmentação não convencional de palavras escritas, a hipossegmentação (ausência de espaço em branco), em sequências que envolvem ao menos um clítico (*medisse, damesma, eas pessoas*). Os documentos examinados são cartas pessoais (CARNEIRO, 2005) e textos de jornal (NASI, 2012) redigidos em português por brasileiros no século XIX. O objetivo do trabalho é verificar se tendências apontadas por outros dados oitocentistas (BATTISTI, 2008; 2010) apresentam-se também nesses documentos. As tendências em questão são as de a hipossegmentação ocorrer, (a) nas sequências de um clítico e hospedeiro, predominantemente com hospedeiros paroxítonos dissilábicos ou monossílabos tônicos iniciados por consoante; (b) nas sequências de dois clíticos e hospedeiro, predominantemente com os próprios clíticos; (c) com clíticos situados à esquerda do hospedeiro (adjunção do clítico para a direita). O trabalho toma como pressupostos as ideias de que (i) uma grafia não convencional como a hipossegmentação não resulta da transposição de características da fala para a escrita, é dado complexo que indicia a organização prosódica da língua (ABAURRE, 1999; TENANI, 2010); (ii) na prosodização do clítico, seu papel gramatical junto ao hospedeiro é menos importante do que a relação dominante-dominado ou forte-fraco que entre eles se estabelece. A análise confirmou as tendências verificadas nos estudos anteriores. A adjunção à direita afeta tanto clíticos pronominais quanto não pronominais e parece consolidada no século XIX. O emprego de maiúscula no início do hospedeiro

em seqüências hipossegmentadas revela que os escreventes percebem o limite de palavra (*naEuropa, oBarão, deSanto Amaro*), evidência de que os clíticos adquirem estrutura prosódica integrando-se predominantemente à frase fonológica, não à palavra fonológica.

Palavras-Chave: português brasileiro; hipossegmentação de seqüências com clíticos; documentos do século XIX

ABSTRACT

The paper is about word clusters with clitics (*medisse* ‘told me’, *damesma* ‘of the same’, *easpeçosas* ‘and the people’) in written documents from the nineteenth century. Word clustering is unconventional in old documents as it is in present documents. Personal letters (CARNEIRO, 2005) and newspaper articles (NASI, 2012) written in Portuguese by Brazilians in the 19th century are examined. The paper aims at verifying whether the tendencies expressed by other data from the same period (BATTISTI, 2008; 2010) are also at work in the documents here examined. The tendencies under investigation are: (a) in sequences of one clitic plus the host word, word clustering predominantly involves host words of two syllables with penultimate stress and with a consonant in the onset of the first syllable; (b) in sequences of two clitics plus the host word, word clustering predominantly involves the clitics themselves; (c) clitics are usually placed to the left of the host (rightwards adjunction of the clitic). The basic assumptions of the analysis are: (i) word clustering is not the direct result of the transposition of speech characteristics to the written form, it is a complex kind of data which serves as evidence of the prosodic structure of the language (ABAURRE, 1999; TENANI, 2010); (ii) in the prosodization of the clitic, the grammatical role it plays is less important than the dominant-dominator or strong-weak relation they have. The analysis confirmed the tendencies verified in prior studies. The adjunction to the right affects either pronominal clitics or non pronominal clitics and it seems to be consolidated in the nineteenth century. The use of capital letters in the beginning of host words in word clustering (*naEuropa* ‘in Europe’, *oBarão* ‘the Baron’, *deSantoAmaro* ‘of Saint Amaro’) shows that the writers perceived the word boundary, which by its turn is an evidence that the clitics are prosodized predominantly by their integration to the phonological phrase, not to the phonological word.

Keywords: Brazilian Portuguese; word clusters with clitics; documents from the nineteenth century

INTRODUÇÃO

Clíticos são vocábulos gramaticais que figuram na frase sem acento (CÂMARA JR., 1984a, p.39). Assemelham-se a palavras, mas não podem aparecer sozinhos em um enunciado porque dependem estruturalmente da palavra vizinha na construção (CRYSTAL, 2000, p.49). Por exemplo, são clíticos em inglês as formas contraídas do verbo *to be* (ser): *you're* (tu és/você é), *I'm* (eu sou), *he's* (ele é). Em português, são clíticos os pronomes átonos (*se, me, te, nos, o, a, lhe*), os artigos (*o, a, um, uma*), as preposições (*de, com, sem, a, p(a)ra*), algumas conjunções (*e, mas, ou, se*) e pronomes/conjunções (*que*) (BISOL, 2005, p.164). São formas com pouco corpo fonético, átonas e em geral monossilábicas, que só são realizadas na fala porque recebem estrutura (prosódica) da palavra vizinha, tecnicamente chamada hospedeiro (*host word*, em inglês).

Na enunciação, os clíticos são incorporados a um vocábulo contíguo, como uma ou duas sílabas a mais desse vocábulo, ficando em próclise ou em ênclise (CÂMARA JR., 1984a, p.39). Essa incorporação (fonológica) é chamada prosodização. Na escrita, recursos gráficos assinalam a presença dos clíticos na sequência de palavras: apóstrofo, como nos exemplos *you're*, *I'm*, *he's*, do inglês; hífen, como na ênclise dos pronomes oblíquos átonos em português (*olhou-me*); ou espaço em branco (*me olhou, de casa, os dois*).

Em documentos atuais ou antigos, como os que serão analisados neste artigo, não assinalar a presença do clítico deixando de empregar apóstrofo, hífen ou espaço em branco (hipossegmentação) pode ser indício de que o escrevente não perceba a presença do clítico, a sequência sendo usada como uma unidade lexical (*porisso, detarde*); ou de que perceba o clítico, mas assinala a dependência (prosódica) do clítico em relação ao hospedeiro (*oBarão*).

Esses indícios, e o fato de que podem evidenciar a organização prosódica envolvendo clíticos em vigor no século XIX, são o tema e a hipótese de trabalho do presente estudo. Aqui, se dá continuidade a análises anteriores de documentos escritos em português por brasileiros nos séculos XVIII e XIX (BATTISTI, 2008; 2010), com que se verificou que a hipossegmentação pode dar-se tanto entre um clítico e o hospedeiro, como entre os próprios clíticos quando dois ou mais deles estiverem em sequência. No primeiro caso, tende a ocorrer com hospedeiros paroxítonos

dissilábicos ou monossílabos tônicos iniciados por consoante, no segundo, com os próprios clíticos. Além disso, a hipossegmentação predomina com clíticos situados à esquerda do hospedeiro (adjunção do clítico para a direita).

O objetivo deste estudo é verificar se essas tendências apresentam-se também em outros documentos. Serão analisadas cartas pessoais (CARNEIRO, 2005) e dados de jornal (NASI, 2012) redigidos em português por brasileiros no século XIX. Pretende-se contribuir para contar a história do português brasileiro revelando princípios estruturais e prosódicos em atuação na deriva da língua.

O estudo será empreendido com o pressuposto de que uma grafia não convencional como a hipossegmentação não resulta da transposição direta de características da fala para a escrita. É dado complexo, que indicia a organização prosódica da língua (ABAURRE, 1999; TENANI, 2010). Além disso, acredita-se que, na prosodização do clítico, seu papel gramatical – pronome, preposição, conjunção, artigo – é menos importante do que a relação dominante-dominado ou forte-fraco que se estabelece entre clítico e hospedeiro.

Inicia-se o artigo com uma breve abordagem à fonologia dos clíticos e sua interação com critérios ortográficos, principalmente os vigentes no século XIX. Segue-se uma revisão de investigações anteriores cujos resultados motivaram a realização do presente estudo. Passa-se à descrição da análise realizada, com a apresentação e discussão dos resultados obtidos. Por fim, vêm as conclusões.

1. Fonologia dos clíticos: a fala e a escrita

Em termos fonológicos, a discussão em torno dos clíticos diz respeito a seu estatuto: são vocábulos mórficos, mas não constituem vocábulos fonológicos porque não possuem estrutura fonológica mínima – duas moras ou duas sílabas. Segundo Anderson (2005), são elementos linguísticos que não projetam estrutura no nível da palavra fonológica.

Kenstowicz (1994) afirma que muitas línguas evitam esses elementos, isto é, palavras fonológicas de uma mora ou uma sílaba, para satisfazer uma exigência de bimoraicidade/dissilabidade mínima. Se numa língua como o inglês, que satisfaz essa exigência, palavras monomoraicas

tais quais os artigos *the* (o, a, os, as), *a* (um, uma) se realizam, é porque adquirem a estrutura que lhes falta na frase, no nível pós-lexical, formando um constituinte prosódico por adjunção a um hospedeiro com estrutura prosódica suficiente.

No português, nas palavras de Bisol (2000, p.23-24), “clíticos nunca se integram a uma palavra fonológica, mas a ela se anexam, por adjunção, sob o domínio de um constituinte prosodicamente mais alto”. Conforme a autora, só por sândi ocorreria integração com a palavra seguinte. O constituinte formado, portador de um só acento, compõe-se de um ou mais clíticos e uma palavra fonológica, a palavra fonológica pós-lexical (BISOL, 2005).

Essa aquisição pós-lexical de estrutura prosódica, no entanto, incorre em violação à restrição MWord=PWord (Para cada palavra morfológica existe uma palavra prosódica com bordas direita e esquerda alinhadas) (SELKIRK, 1995), razão pela os clíticos podem não ser percebidos como elementos independentes do hospedeiro. É o que motiva a eventual hipossegmentação na escrita.

Câmara Jr. (1984b) reconhece a competição entre essa motivação e as normas ortográficas no desencadeamento da hipossegmentação: “As pessoas mal alfabetizadas de hoje e os copistas medievais, escrevendo *olivro, sefala, falasse*, sem espaço em branco, estão adotando um critério fonológico, que não é autorizado pelas convenções atualmente vigentes da ortografia portuguesa” (CÂMARA JR., 1984b, p.36). Afirma ser o acento o caracterizador do grupo de força que clítico e hospedeiro formam.

Dentre os clíticos do português, há alguns que não são átonos (*para*) mas que, segundo Bisol (2005), tendem a perder acento, comportando-se como clíticos num mesmo grupo prosódico. Bisol (2000, 2005) não distingue clíticos pronominais dos demais clíticos, como Vigário (2001) faz para o português europeu, que apresenta uma preferência pela posição pós-verbal (ênclise). No português brasileiro, como em outras línguas românicas, os clíticos pronominais são usualmente pré-verbais. Situam-se à esquerda do hospedeiro, como as demais formas funcionais com *status* fonológico de clítico. É o que se verificará nos documentos analisados.

Essa diferença entre o português europeu e os demais romances surgiu por volta do século XVII, segundo Vigário (2001). Antes disso,

pelo menos desde o século XIII, próclise e ênclise conviviam livremente, conforme registrado nos manuscritos portugueses. Foi a emergência do domínio prosódico frase entonacional com proeminência inicial que tornou a ênclise a posição preferida no português europeu: a ênclise teria evitado que os clíticos se tornassem acentuados.

No português brasileiro, o domínio frase entonacional com proeminência inicial não emergiu, e assim a preferência pela ênclise não se verificou: “BP clitics, by contrast, are assumed to be phonologically proclitic, what is compatible with their typical location before the verbal host” (VIGÁRIO, 2001, p.329).

Por ser indício da emergência desses domínios prosódicos no português brasileiro, a hipossegmentação é um dos empregos variáveis de letras fonologicamente significativos que se podem verificar em documentos antigos, o que aponta Monaretto (2005).

No século XIX, como hoje, a norma ortográfica para a escrita em língua portuguesa orientava a separar por espaço em branco as sequências clítico-hospedeiro. É o que se verifica no guia ortográfico *Ortographia ou a arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza, para uso do Excelentissimo Duque de Lafoens*, de João M. M. Feijó, publicado primeiramente em Lisboa em 1734, mais tarde na Bahia em 1820, obra disponível à consulta dos brasileiros que, então, escreviam textos em português.

“A conjunção, a que os gregos chamam *Hyphen*, he hum signal [...] para unirmos duas palavras, que per si são separadas, como se foram huma só na pronunciação [...] v.g. *Passa-tempo, Guarda-porta*. [...] advertiremos que, excepto nas palavras compostas, em todas as mais, todas as preposiçoens, advérbios, interjeiçoens, e conjunçoens se põem separadas das demais palavras, assim no portuguez, como no latim; mas as conjunçoens enclíticas *que, ne, ve*, no latim sempre se escrevem encostadas á palavra a que se ajuntão: v.g. *Pedro, e Paulo: Petrus, Palusque*.” (FEIJÓ, 1820, p.138-9)

Percebe-se na norma a influência do latim e do grego, como também o respeito à etimologia. Entretanto, mesmo havendo normas ortográficas, como essa, vigentes nos séculos XVIII e XIX, a variação no registro ortográfico verificada nos documentos brasileiros disponíveis é significativa, a flutuação maior envolvendo o emprego de consoantes duplas. Vinha daí o apelo dos estudiosos, à época, pela padronização ortográfica e por uma norma simplificada, o que veio a ser alcançado, em alguma medida, apenas no início do século XX.

2. Os estudos anteriores

Battisti (2008, 2010) buscou inicialmente analisar apenas cartas pessoais, pelo uso de linguagem supostamente menos cuidada que nelas se encontraria. Acessados documentos em diferentes acervos, descobriu-se que cartas pessoais escritas no Brasil em séculos passados são raridade. Foi assim que se recorreu aos *corpora* do Laboratório de História do Português Brasileiro (Labor-histórico PB)¹ da UFRJ, disponibilizados eletronicamente². Em um deles, com documentos do século XIX, encontraram-se quarenta e uma cartas pessoais escritas no Brasil entre 1879 a 1889, por C. B. Ottoni e sua esposa, Barbara Ottoni, aos netos (LOPES, C.R. dos S.; MACHADO, A. C. M., 2004).

Vinte e sete das cartas foram escritas pelo avô, C. B. Ottoni, e catorze pela avó, Barbara Ottoni. Cobrem um período de dez anos e formam um conjunto em que as cartas do avô, mais longas do que as da avó, primam pelo apuro da forma (ele aconselha aos netos o “asseio” na escrita e os parabeniza pelos progressos na redação das cartas que escrevem). Nelas não há hipossegmentações. As cartas da avó, ao contrário, são breves, possuem um tom bastante mais coloquial e nelas verificam-se hipossegmentações. Esses catorze documentos, então, tornaram-se fonte de dados para o estudo. Foram sessenta e sete as hipossegmentações verificadas nas cartas, nelas predominando a posição clítico-hospedeiro.

Posteriormente, teve-se acesso a outro conjunto de documentos

¹ Conforme Célia Regina dos Santos Lopes (*site* da UFRJ), pesquisadora responsável pelo Labor histórico-PB, este “originou-se da demanda criada pelo projeto integrado *Para a História do Português brasileiro*. O seu principal objetivo é organizar e tornar disponível o acervo documental do PHPB para estudos sobre mudança linguística, mais especificamente, sobre a história da língua portuguesa no Brasil.” Acesso em 28 de setembro de 2006.

² <http://www.letas.ufrj>. Acesso em 24 de maio de 2006.

incorporados à análise: atas de reuniões da Sociedade Protetora dos Desvalidos, associação de negros livres ou libertos baianos (OLIVEIRA, 2006). Para equilibrar o número de documentos com os já até então analisados, selecionaram-se catorze atas redigidas por quatro prováveis brasileiros entre 1837 e 1847. Nas atas, faz-se uso de expressões formulaicas, numa organização textual rotinizada, mas num registro ortográfico que se poderia considerar fonético. Nelas, há ocorrências tanto de hipo quanto de hipersegmentação (*tro con*), essas em número bastante mais reduzido, aquelas com o predomínio da posição clítico-hospedeiro. Diferentemente das cartas, o uso de hífen é raro nas atas. A não ser em casos de translineação e de algumas hiper-segmentações (*aSinar-mos*), esse sinal não é frequentemente empregado (*feiçe, fesçe, fessepor fez-se*). Verificaram-se nas catorze atas cento e oitenta e duas hipossegmentações.

Algumas das hipossegmentações das cartas, com os clíticos *a*, *e*, pronomes átonos, estão no Quadro 1:

assuas cartas	eas pessoas que te querem bem	medeo muito prazer
ade honra	eum a Deus de Christiano	medisse que em principio
atodos 2	ea Christiano	selembra do anno
avoce	ete abençoa	setem adiantado
aqueu abraçaras	equandoelles vem açadinhos	noslembramos
acasa muito vazia	efoi hoje	temandão lembranças
acemana passada	eque es um menino de juízo	teposso dizer

QUADRO 1: Algumas hipossegmentações das cartas

FONTE: Battisti (2008, 2010)

No Quadro 2, estão ocorrências das atas, com os clíticos *de*, *e*, pronomes átonos:

demil	Etrinta	sefes
dofalecido	eIrmã	sedeu
damesma	Edispois	seasinaraõ
daCunha	Enunca	ososcrevi
deNovembro	eEu	ofazer
danossa	Inão	onão
domes	eaSignei	

QUADRO 2: Algumas hipossegmentações das atas

FONTE: Battisti (2008, 2010)

Tomando-se as hipossegmentações de cartas e atas separadamente, realizou-se análise quantitativa (de regra variável) dos dados com o programa Goldvarb³, versão para ambiente Windows do pacote de programas Varbrul. Tendo-se como variável dependente as hipossegmentações clítico-hospedeiro na escrita, a análise foi realizada com o objetivo de verificar, em termos de peso relativo, o papel favorecedor de determinadas sequências clítico-hospedeiro à hipossegmentação. Considerando-se a natureza dos elementos, pensou-se que, quanto menos clara fosse a percepção do clítico como palavra morfológica, maior a tendência do escrevente a realizar hipossegmentação. Controlaram-se de um lado a natureza do hospedeiro e, de outro, a natureza do próprio clítico. Na variável Locução, controlaram-se os fatores clítico mais palavra lexical (*a casa*), clítico mais palavra funcional (*a outra*), e clítico mais clítico (*que te deram*). Na variável Clítico, controlaram-se os fatores pronome (*me deram*), conjunção (*eveio*), artigo (*acasa*), preposição (*de vocês*), *que* - pronome/ conjunção (*que diz*).

Foram 402 os contextos de hipossegmentação nas cartas, com uma frequência total de aplicação da regra de 16%. Nas atas, foram 551 os contextos e 33% a hipossegmentação, valores significativos considerando-se o tipo de fonte de dados, sujeito às sanções da norma ortográfica. Os resultados opõem clítico mais palavra lexical (desfavorecedor) a clítico mais palavra funcional ou clítico (favorecedor). No controle da variável Clítico, pronomes mostraram-se favorecedores da hipossegmentação em ambas as análises.

Nas cartas, a hipossegmentação é favorecida em locuções formadas por clítico e clítico ou palavra funcional (0,69), o clítico sendo um pronome pessoal (0,67) ou uma conjunção (0,63). Os pronomes verificados na amostra são *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *os*, e as hipossegmentações foram realizadas apenas com os quatro primeiros (*medeo*, *temandão*, *se-esqueceu*, *noslembramos*). As conjunções verificadas foram *e*, *se*, *mas*, e as hipossegmentações realizadas com as duas primeiras (*equando*, *ea Christiano*, *etam bem*, *sevoçê*). Um único caso de sândi vocálico externo foi registrado (*tenvio*). Já nas atas, a hipossegmentação é favorecida em locuções formadas por clítico e clítico ou palavra funcional (0,63), o clítico sendo um pronome (0,63). Os

³ Disponível em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>. Acesso em 19 de maio de 2013.

pronomes verificados são *se*, *lhe*, *os*, *o*, e as hipossegmentações, com todos esses exceto *lhe*.

No que se refere à percepção do clítico pelo sujeito, o que desfavoreceria a hipossegmentação, confirmou-se a ideia inicial: ela é maior quanto mais clara for a identificação do hospedeiro como palavra morfológica e prosódica, o que é peculiar às palavras de conteúdo.

Distinguindo-se sequências de um clítico e hospedeiro (C1H) de sequências de dois clíticos e hospedeiro (C2H), buscou-se verificar se o acento (primário e secundário) e o segmento inicial do hospedeiro em C1H têm papel sobre o agrupamento. Em relação a C2H, se há tendências de agrupamento considerando-se os três elementos presentes.

Nas cartas, dos 402 contextos, 334 são sequências C1H, 68 são sequências C2H. Nas atas, dos 551 contextos, 509 são sequências C1H, 42 são sequências C2H.

Das 334 sequências C1H das cartas, ocorre hipossegmentação em 53, 45 delas com hospedeiro iniciado por consoante (*evejo*), 8 com hospedeiro iniciado por vogal (*aella*). Das 53 hipossegmentações, 24 envolvem hospedeiro dissílabo paroxítono (*acaça*, *temandá*), 10 envolvem hospedeiro monossílabo tônico (*efoi*, *setem*).

Das 509 sequências C1H das atas, ocorre hipossegmentação em 182, 158 delas com hospedeiro iniciado por consoante (*otermo*), 24 com hospedeiro iniciado por vogal (*aIrmã*). Nas 182 hipossegmentações de C1H, 69 envolvem hospedeiro dissílabo paroxítono (*etrinta*), 36 envolvem hospedeiro monossílabo tônico (*inão*, *domes*).

Nas hipossegmentações CH1, então, o hospedeiro inicia predominantemente por consoante. A hipossegmentação tende a ocorrer com hospedeiro paroxítono dissilábico ou monossílabo tônico.

Na análise de CH2, das 68 sequências presentes nas cartas, ocorreu hipossegmentação em 14. Das 42 sequências C2H das atas, ocorreu hipossegmentação em 15: *emque eu*, *ade honra*, *por amaioria*, *eonão*. Constatou-se que, nas sequências envolvendo dois clíticos, a hipossegmentação tende a ocorrer com os próprios clíticos. Esses dados apontam para duas hipóteses: satisfação à exigência de minimalidade prosódica (bimoraicidade e/ou dissilabidade) e atuação do princípio DTE de acento frasal relativo.

No português, conforme Magalhães (2004, p.124), na atribuição de

acento primário a palavras lexicais exige-se que essas tenham no mínimo dois elementos na rima ou duas sílabas. Poder-se-ia pensar, a respeito das características estruturais de C1H – posição do acento, segmento inicial e de C2H, que sobre elas atuaria uma exigência de minimalidade dissilábica que se expressa na escrita e que é satisfeita pelo hipossegmentação.

Em C2H, além da exigência de minimalidade, a saliência do limite entre elementos designados terminais (DTEs) e elemento não designado terminal (não-DTE) no constituinte formado por clíticos mais palavra fonológica poderia explicar a tendência de agrupar clítico-clítico. Bisol (2005, p.175) afirma que a elisão de /e/ não ocorre entre DTEs (porte arrogante > *portarrogante), mas verifica-se entre não-DTEs (entre um dia >entrum dia). Além disso, tende a ser inibida pelo DTE relativamente a um não-DTE (⊗entramigos). Dados de Battisti (2008, 2010) como *eas pessoas, ete abraça, ea Christiano, equandoelles, ade honra, assuas cartas, atodos 2* mostram que as hipossegmentações na escrita são favorecidas entre não-DTEs, considerando-se a borda direita aquela relevante para o português. Parece que o sujeito percebe a ausência completa de saliência prosódica dos clíticos na frase, promovendo na escrita hipossegmentações entre elementos fracos.

As análises (BATTISTI, 2008, 2010) mostraram, então, que a hipossegmentação está relacionada tanto a características do hospedeiro, quanto do clítico. A menor percepção dos clíticos está envolvida, o que decorre de exigências de minimalidade prosódica. Essas generalizações poderiam ser estendidas a outros documentos do mesmo período? Poderíamos considerá-las tendências indiciadoras da organização prosódica do português? É o que se buscou responder com a análise descrita a seguir.

3. A análise

No presente estudo, não se procedeu a tratamento quantitativo dos dados com o Goldvarb, como nos estudos anteriores. Já se tinha ideia do padrão da hipossegmentação variável, sua proporção de aplicação e seus ambientes condicionadores. O que se fez foi levantar as ocorrências de hipossegmentação dos documentos investigados. Essas ocorrências foram, em seguida, organizadas em categorias. Veremos que, em geral, as categorias correspondem aos ambientes controlados nos estudos anteriores, com

algumas inovações.

As fontes de dados foram a tese de Carneiro (2005) e a dissertação de Nasi (2012). Na tese, Carneiro editou cartas oficiais e não-oficiais escritas entre 1809 a 1904 por brasileiros de diferentes regiões do país. Analisamos 208 dessas cartas, todas escritas no século XIX. Sessenta e sete delas forneceram dados, isto é, apresentaram ocorrências de hipossegmentação.

Na dissertação, Nasi levantou alterações ortográficas passíveis de análise fonológica de 155 exemplares de 8 jornais gaúchos (abolicionistas, farroupilhas, políticos, populares, de negócios), publicados de 1835 a 1900. Dentre essas alterações, verificaram-se casos de hipossegmentação, o que é de certa forma surpreendente considerando-se o processo de revisão que supostamente ocorre antes da impressão dos jornais. Diferentemente da tese de Carneiro, em que se pode ter acesso direto aos documentos editados, há apenas algumas reproduções de trechos de jornais na dissertação de Nasi. Nela, há uma lista de tipos de alteração, com a quantidade de ocorrências em cada tipo. É essa lista que alimenta a análise aqui realizada.

3.1 Resultados: os jornais

Nasi (2012) registra apenas 11 ocorrências de hipossegmentação, a maior parte de “A Gazetinha”, jornal popular. Veja-se o Quadro 3.

Enfrente	porisso
Emfrente	parapresente
Embicas	queder
Encima	aslistas
Derepente	oschafarizes
Davictoria	

QUADRO 3 – Hipossegmentações nos dados de Nasi (2012)

FONTE: Da autora

Todas as hipossegmentações são adjunções à direita (proclíticas). Quase metade das ocorrências são formas combinadas de preposição+advérbio ou pronome (*porisso, enfrente*), o que confirma a tendência de a hipossegmentação ocorrer com palavras funcionais, não com palavras lexicais, pelo fato de a presença de clítico e hospedeiro na sequência ser menos perceptível naquele

contexto. As hipossegmentações nos dados de Nasi (2012) confirmam, também, a tendência de o hospedeiro ser monossílabo tônico ou dissílabo paroxítono iniciado por consoante.

3.2 Resultados: as cartas

Como afirmamos anteriormente, 67 das 208 cartas de Carneiro (2005) analisadas apresentaram hipossegmentação. Foram 227 ocorrências, principalmente com clíticos não pronominais, valor expressivo considerando-se que tanto cartas não-oficiais quanto oficiais apresentaram registros.

As hipossegmentações nas cartas, como nos jornais, são casos de adjunção à direita (*oresoltado*). Nas sequências com um clítico, predomina a hipossegmentação com hospedeiro dissílabo paroxítono iniciado por consoante (*detodas*). Nas sequências com mais de um clítico, há casos de hipossegmentação dos próprios clíticos (*epor saberem, eme despensem*). Pode-se afirmar, então, que essas ocorrências confirmam as tendências verificadas nos estudos anteriores.

Além da confirmação das tendências, a análise dos dados suscitou novas hipóteses sobre a hipossegmentação. Elas serão levantadas à medida que se apresentarem, a seguir, as diferentes categorias de ocorrência.

Várias das ocorrências de hipossegmentação de clíticos envolveram a conjunção **e** mais um clítico seguinte, como se vê no Quadro 4.

ede confiança	eas nossas
eque o General	eos Irmãos
eos tractando	equem os tem
epara si igualmente	eme despense

QUADRO 4 – Hipossegmentações de e+clítico

FONTE: Da autora

É possível que, além da satisfação à exigência de minimalidade prosódica (dissilabidade, nesse caso), o pequeno corpo grafo-fônico da conjunção **e** dificulte sua percepção como palavra morfológica e, portanto, esteja em jogo nesses casos de hipossegmentação.

Outro caso revelador da interação entre exigências prosódicas e o

pequeno corpo grafo-fônico na hipossegmentação com clíticos diz respeito a sequências com formas do verbo *haver*, como se vê no Quadro 5.

hade ser	heide procurar
hade medrar	hasde lembrar-te
lhe hade caber	

QUADRO 5 – Hipossegmentações de fomas de *haver* +clítico

FONTE: Da autora

As ocorrências na coluna da esquerda do Quadro 5 parecem sugerir que o escrevente esteja registrando uma forma fixa, constituinte de uma locução verbal, sem operar com uma forma do verbo *haver* separadamente da preposição *de*. As da coluna da direita, no entanto, mostram que o escrevente sabe estar lidando com uma forma verbal que se flexiona, independentemente da preposição. A minimalidade binária (dissilabidade) parece estar, novamente, desempenhando papel na hipossegmentação.

O que mais chama a atenção nos dados do Quadro 5, contudo, é o fato de o clítico estar à direita do hospedeiro, sugerindo prosodização do clítico para a esquerda, como na ênclise. Entende-se que, aqui, a direcionalidade, como a própria hipossegmentação, é consequência de exigências prosódicas, não princípio orientador. Além das exigências prosódicas que incidem sobre o próprio clítico, satisfeitas com sua adjunção ao hospedeiro, parece estar em jogo também um ritmo binário frasal, que contribui para *haver*+de ser interpretado como grupo paroxítono e, junto aos demais vocábulos, venha a implementar o ritmo forte-fraco no enunciado.

Outro dado interessante, que reforça a sugestão de estudos anteriores (BATTISTI, 2008, 2010) com documentos antigos, são sequências hipossegmentadas de um clítico mais hospedeiro em que este é registrado com maiúscula. Observe-se o Quadro 6.

da Curveta	o Senhor
do Brasil	o Parlamento
em Buenos Ayres	o Saldanha
ao Rio Grande	a França

QUADRO 6 – Hipossegmentações de clítico+hospedeiro com inicial maiúscula

FONTE: Da autora

Nessas ocorrências, fica claro que o escrevente percebe a existência do hospedeiro, como também do clítico. O clítico não é parte do hospedeiro, não é uma de suas sílabas pretônicas, como seria se clítico e hospedeiro formassem uma palavra fonológica. Esse registro é indício de que o escrevente lida com um elemento prosodicamente dependente do hospedeiro, com que possivelmente forma uma frase fonológica.

Cabe registrar, ainda, a presença de hipossegmentação nas fórmulas de abertura e de fechamento empregadas nas cartas (Quadro 7) e em seqüências que, por envolverem clíticos e hospedeiros que ocorrem invariavelmente juntos, formam combinações usadas como palavras (Quadro 8).

eobrigado Criado	doCoraçam
-------------------------	------------------

QUADRO 7 – Hipossegmentações em fórmulas de abertura e fechamento

FONTE: Da autora

afim de	muito depropósito
afavor de	apar de tudo

QUADRO 8 – Hipossegmentações em combinações lexicais

FONTE: Da autora

A cristalização no emprego de certas seqüências de palavras deve contribuir para obscurecer a percepção da existência do clítico antes do hospedeiro. A esse obscurecimento soma-se mais uma vez o pequeno corpo grafo-fônico do clítico, que não satisfaz a minimalidade binária na concepção de uma palavra e, por sua vez, pode fomentar a hipossegmentação.

A análise das cartas, então, não apenas confirmou as tendências verificadas nos estudos anteriores sobre características do hospedeiro e a possibilidade de hipossegmentar seqüências de clíticos. Sugeriu outras hipóteses, entre elas a de que a satisfação da minimalidade binária estenda-se do constituinte formado por clítico e hospedeiro à frase, e de que o escrevente hipossemente não apenas porque não perceba o clítico enquanto palavra morfológica. Ele percebe, mas, com a hipossegmentação, evidencia perceber a relação de dependência prosódica que tem o clítico em relação ao hospedeiro.

CONCLUSÃO

A análise realizada em jornais e cartas escritas em português por brasileiros no século XIX confirma tendências verificadas em estudos de outros documentos oitocentistas: a eventual hipossegmentação afeta preferentemente um clítico e seu hospedeiro dissílabo paroxítono. Pode também afetar os próprios clíticos se esses estiverem em sequência. A adjunção à direita atinge clíticos pronominais e não pronominais e parece consolidada no século XIX.

Além disso, os dados das cartas sugeriram outras hipóteses para a hipossegmentação, hipóteses essas que articulam ortografia, fonologia dos clíticos e organização prosódica da frase. A hipossegmentação entre clítico e hospedeiro iniciado por maiúscula indicia que o escrevente percebe o limite da palavra. Nesse caso, a ausência de espaço em branco marca, antes que a integração da sílaba ao hospedeiro, a dependência desse elemento em relação ao hospedeiro. Isso pode servir de evidência para outra hipótese, a de que o constituinte resultante da prosodização do clítico não seja uma palavra fonológica, mas o constituinte imediatamente acima na hierarquia prosódica, a frase fonológica.

A hipossegmentação entre clíticos, por sua vez, parece sugerir que o pequeno corpo grafo-fônico dos clíticos, interagindo com a satisfação à exigência de minimalidade binária, tenha papel nos agrupamentos formados na escrita. Esses assemelham-se a palavras dissílabas paroxítonas que, junto aos demais vocábulos em cadeia, contribuem para imprimir o ritmo forte-fraco ao enunciado.

Finalmente, a hipossegmentação envolvendo clíticos em fórmulas de abertura e fechamento das cartas, bem como em expressões cristalizadas, mostra que o léxico também pode ter influência no obscurecimento da presença dos clíticos em certas sequências.

No que se refere à história do português brasileiro, a análise forneceu evidências esclarecedoras da organização prosódica que vem dirigindo o português brasileiro: o ritmo binário sustentado pela dissilabicidade e com papel também na prosodização dos clíticos, como indiciam os casos de hipossegmentação investigados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M.B.M. Horizontes e limites de um programa de investigação sobre a aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. R.(Org.) *Aquisição da linguagem: Questões e análises*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. p.167-186.

ANDERSON, S.R. *Aspects of the theory of clitics*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BATTISTI, E. Clitic prosodization in Brazilian Portuguese: Analysis of documents from the nineteenth century. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C.R. (Orgs.) *Contemporary phonology in Brazil*. London: Cambridge, 2008. p.110-122.

BATTISTI, E. A prosodização de clíticos no Português Brasileiro em documentos dos séculos XVIII e XIX. In: HORA, D.; SILVA, C.R. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro: Abordagens e Perspectivas*. João Pessoa: Ideia, 2010. p.74-80.

BISOL, L. O clítico e seu *status* prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.9, n.1, jan./jun. 2000. p. 4-30.

BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, v.40, n.3, set.2005. p.163-184.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa*. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1984a.

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984b.

CARNEIRO, Z. de O. N. *Cartas brasileiras (1808-1904): Um estudo linguístico-filológico*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FEIJÓ, J. de M. M. *Ortographia ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza, para uso do Excelentissimo Duque de Lafuens*. Bahia: Typographia da Viúva Serva e Carvalho, 1820.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, C. R. dos S. Lopes; MACHADO, A. C. M. (Orgs.). *Cartas da Família Ottoni aos netos: 1879-89 corpora diacrônicos* PB (fac-símile). UFRJ-PIBIC/CNPq-Labor Histórico, 2004 (versão eletrônica).

MAGALHÃES, J. S. de. *O plano multidimensional do acento na teoria da otimidade*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MONARETTO, V. N. de O. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. *Letras de Hoje*, v.40, n.3, set.2005. p.117-135.

NASI, R. F. *Variáveis fonológicas em jornais gaúchos do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, K. *Negros e escrita no Brasil no século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

SELKIRK, E. The prosodic structure of function words. In.: BECKMAN, J.; DICKEY, L.W.; URBANCZYK, S. *Papers in Optimality Theory*. Amherst: GLSA, 1995. p.439-469.

TENANI, L. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. *Cadernos de educação*. Pelotas, n.35, jan./abr.2010. p.247-270.

VIGÁRIO, M. C. *The prosodic word in European Portuguese*. Tese (Doutorado em Letras). Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2001.